HABITUS, CAMPO E CAPITAL SIMBÓLICO NO UNIVERSO DO RODEIO: NARRATIVAS DE UM PEÃO DE NAVIRAÍ-MS SOB A PERSPECTIVA DE PIERRE BOURDIEU

Iraci Luana Costa,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
iraci.luana@ufms.br

Prof. Dra. Telma Romilda Duarte Vaz,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
telma.vaz@ufms.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as tensões entre tradição e modernidade no campo cultural do rodeio, a partir da narrativa de vida de um peão da cidade de Naviraí-MS. A pesquisa, de natureza qualitativa, adota a abordagem narrativa (auto)biográfica e fundamenta-se na teoria sociológica de Pierre Bourdieu, especialmente nos conceitos de *habitus*, *campo*, *capital* e *violência simbólica*. A escuta e análise da trajetória do sujeito entrevistado permitiram compreender como disposições socialmente incorporadas orientam práticas e significados vinculados à cultura do rodeio, evidenciando disputas simbólicas por reconhecimento, prestígio e pertencimento. Os resultados revelam que, apesar da crescente espetacularização e mercantilização dos rodeios, os peões continuam a ocupar posições de subalternidade no interior do campo, ainda que sua imagem seja central na produção do espetáculo. A narrativa analisada também destaca formas de resistência simbólica e reconversão identitária, a partir da reconfiguração do habitus e da valorização de novas práticas vinculadas ao bem-estar animal e à cultura rural contemporânea. Conclui-se que o rodeio, enquanto manifestação cultural, constitui um território de disputas políticas e simbólicas, atravessado por desigualdades, mas também por estratégias de afirmação e dignidade.

Palavras-chave
Rodeio. Cultura popular. Pierre Bourdieu. Pesquisa narrativa. Habitus. Identidade rural

1. INTRODUÇÃO

Reconhecida como patrimônio cultural imaterial pela Lei nº 13.364/2016 (Tertuliano, 2024; Santos, 2024; Rosa; Modernell; Almeida, 2024), a cultura do rodeio no Brasil inscreve-se em um conjunto de práticas e significados que atravessam o mundo rural e as dinâmicas simbólicas de identidade regional. Herdeira de tradições de manejo de gado oriundas do período colonial, essa manifestação cultural transformou-se ao longo do tempo em um fenômeno midiático e econômico de grande alcance, especialmente a partir da década de 1950, com a influência do modelo norte-americano de rodeios (Lira; Claire, 2019).

O rodeio é uma manifestação cultural e esportiva originária da tradição agropecuária, marcada pela exibição de habilidades relacionadas ao manejo de animais, especialmente bovinos e equinos. Surgido no contexto das práticas de trabalho no campo, particularmente nas atividades de vaqueiros e peões, o rodeio se consolidou como espetáculo público com regras, competições e forte apelo popular, especialmente nas regiões rurais e interioranas das Américas.

O rodeio de equinos compreende modalidades nas quais o cavalo ocupa posição central, seja como montaria de alto risco, como nas provas de bareback e sela americana, seja como parceiro técnico em provas cronometradas, como a prova dos três tambores ou das seis balizas. Essas modalidades exigem habilidades específicas do peão ou da amazona, como domínio corporal, sincronia com o animal e apurada capacidade de condução. No caso das montarias, trata-se de permanecer por oito segundos sobre cavalos treinados para o pulo e o giro, enquanto nas provas de velocidade, avalia-se a precisão e o tempo no contorno de obstáculos. Segundo o portal *Compre Rural* (2023), "a prova dos três tambores é uma das mais emocionantes do rodeio e envolve muita técnica da competidora e do cavalo, que precisam estar em perfeita sintonia para alcançar um bom tempo sem derrubar os tambores" (Compre Rural, 2023, p. 1). Assim, o rodeio de equinos, do qual tratamos neste estudo, não apenas reproduz práticas oriundas do manejo rural, mas também as ressignifica no espetáculo competitivo, agregando valor cultural, esportivo e simbólico à figura do cavalo no universo sertanejo.

Dessa forma, o rodeio, conforme discutido por João Marcos Alem e retomado por Lucia Lippi Oliveira, é mais do que uma prática esportiva: trata-se de um espetáculo que combina tradição rural com elementos de entretenimento moderno. A competição, centrada na figura do peão, é apresentada como um esporte radical, com provas de montaria que envolvem risco e habilidade, e cuja narrativa é conduzida pelo locutor, personagem essencial que dramatiza a arena e transforma o evento em um ritual performático. Essa construção simbólica do rodeio busca ampliar sua recepção para além do campo, atingindo públicos urbanos e diferentes classes sociais, à semelhança de esportes como o futebol (Alem, 1996, apud Oliveira, 2003).

Naviraí, cidade localizada no sul de Mato Grosso do Sul, foi fundada em 1952 e emancipada em 11 de novembro de 1963. Sua origem está ligada à atuação de madeireiros, produtores rurais e comerciantes que desbravaram a região, inicialmente coberta por densas matas. O nome da cidade tem raízes indígenas e, segundo a tradição, pode significar "pequeno rio impregnado de arbustos roxos". Ao longo do tempo, a economia local evoluiu da exploração madeireira para o fortalecimento do comércio, da agroindústria e da pecuária, com destaque

para cooperativas como a COPASUL e indústrias como a USINAVI. A cidade atraiu migrantes de diversas regiões, consolidando-se como um polo de desenvolvimento regional com forte identidade cultural e econômica (IBGE, 2025).

Naviraí também se configura como uma área reconhecida por sua forte presença agropecuária e por expressivas festas populares —, o rodeio desempenha papel central na constituição da identidade coletiva, sendo, simultaneamente, um vetor de preservação cultural e um impulsionador econômico por meio do turismo e do entretenimento. No entanto, as transformações pelas quais passou a prática do rodeio evidenciam contradições que tensionam a relação entre tradição e modernidade, especialmente no que diz respeito à sua crescente mercantilização, à reconfiguração dos papéis sociais no interior dos eventos e à precarização simbólica e material dos competidores.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, cujo objetivo é analisar sociologicamente, a partir das narrativas de vida de um peão de rodeio da cidade de Naviraí-MS, as dinâmicas simbólicas, identitárias e estruturais que configuram o universo do rodeio como campo cultural em disputa. Para tanto, adotamos como fundamento teórico-metodológico a abordagem da pesquisa narrativa (auto)biográfica, conjugada à teoria sociológica de Pierre Bourdieu, cujos conceitos de habitus, campo, capital e violência simbólica oferecem ferramentas analíticas potentes para compreender as práticas sociais como produtos históricos e incorporados.

A pesquisa narrativa biográfica destaca-se como uma abordagem metodológica de grande relevância no campo das ciências humanas e sociais, especialmente por sua capacidade de capturar a complexidade das experiências humanas em sua dimensão subjetiva e contextual. Um dos principais contributos dessa abordagem, segundo Vaz (2019, p. 16), é seu potencial para "desvelar o princípio intencional no curso da vida e o padrão de expectativa institucional", revelando como os indivíduos interpretam e negociam suas trajetórias em meio a condicionamentos sociais.

A narrativa do peão entrevistado não é tomada apenas como testemunho individual, mas como expressão de disposições duráveis socialmente adquiridas, que se constituem a partir de sua socialização no campo rural e nas práticas do rodeio. Conforme Bourdieu (2003), o habitus é o operador que permite analisar como a experiência vivida se estrutura e se reproduz, mediando a relação entre o subjetivo e o objetivo. O rodeio, nesse sentido, é interpretado como um campo social dotado de regras próprias, hierarquias internas e lógicas de distinção, no qual

os sujeitos disputam formas de capital — econômico, simbólico, cultural e social — para obter reconhecimento e legitimidade.

A pesquisa narrativa, tal como formulada por Vaz (2019), revela-se especialmente adequada para essa proposta, pois permite acessar não apenas o conteúdo das histórias, mas também os sentidos que os sujeitos atribuem à sua trajetória, aos conflitos vividos e às estratégias de pertencimento e sobrevivência. Como destaca Ferrarotti (2010), as narrativas de vida rompem com o paradigma positivista ao privilegiar a experiência situada, a historicidade e a subjetividade como fontes legítimas de conhecimento sociológico.

Assim, ao escutar e analisar a trajetória de um peão de rodeio, buscamos compreender como se articulam sentidos de pertencimento, resistência cultural e desigualdade simbólica em um campo em permanente transformação. A presente pesquisa propõe, portanto, contribuir para o aprofundamento do debate sobre as ruralidades contemporâneas, destacando o rodeio não apenas como espetáculo, mas como espaço de produção de identidades, conflitos e disputas de poder.

2. CULTURA COMO CAMPO DE DISPUTA: FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS E A CULTURA DO RODEIO

A cultura, enquanto objeto das Ciências Sociais, é um conceito multifacetado e dinâmico que abrange sistemas de significados, crenças, valores e práticas historicamente construídas e socialmente compartilhadas. Na clássica definição de Edward B. Tylor, "cultura [...] é esse todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade" (Tylor apud Thompson, 1997, p. 172). Essa concepção, embora datada, influenciou os estudos antropológicos e sociológicos ao longo do século XX.

A partir da antropologia contemporânea, a cultura passou a ser compreendida como uma estrutura suprabiológica que medeia a relação dos sujeitos com o mundo físico, simbólico e social (Sampaio Silva, 2023). Cuche (2002) e Hall (1997) reforçam que toda ação social é cultural, na medida em que está imersa em disputas de sentidos, em regras de pertencimento e exclusão, e em contextos de transformação.

Nesse contexto, a teoria de Pierre Bourdieu contribui significativamente ao propor uma leitura relacional da cultura como campo de lutas simbólicas. Para o autor, a cultura deve ser compreendida como um campo social relativamente autônomo, estruturado por relações de força entre os agentes que nele disputam capitais diversos. O campo cultural, como observa

Bourdieu (1996, p. 18), é "um espaço de jogo com regras específicas e interesses próprios, onde se disputam os capitais que têm valor naquele universo".

O conceito de habitus, nesse campo, é fundamental: trata-se de um sistema de disposições incorporadas que orienta os modos de perceber, sentir e agir dos sujeitos. Essas disposições são produtos da socialização e refletem a posição que o agente ocupa no espaço social. O habitus, portanto, é tanto estruturado quanto estruturante, permitindo compreender como práticas culturais aparentemente individuais estão, na verdade, condicionadas por trajetórias sociais (Bourdieu, 2003).

Bourdieu identifica quatro formas de capital que circulam nos campos: econômico, cultural, social e simbólico. O capital simbólico, em especial, diz respeito ao prestígio e à legitimidade reconhecidos pelos demais agentes, sendo capaz de mascarar relações de dominação sob a aparência de neutralidade. Como afirma o autor, "o capital simbólico é o capital disfarçado, transfigurado e legitimado" (Bourdieu, 2003, p. 181).

Nesse sentido, a violência simbólica é o mecanismo que garante a reprodução das hierarquias no interior do campo. Trata-se de uma forma de dominação que atua de maneira invisível, levando os dominados a aceitarem como legítima sua posição social (Bourdieu, 1998). Instituições como a escola, a mídia, a religião e o Estado operam essa forma de violência por meio da imposição de classificações, normas e valores dominantes.

A cultura do rodeio, quando analisada sob essa ótica, revela-se como um campo atravessado por disputas simbólicas e estruturado por lógicas de capital. Originada nas práticas de manejo do gado, essa manifestação cultural foi historicamente ressignificada, especialmente a partir da década de 1950, sob influência do modelo estadunidense de competição entre cowboys (Tertuliano, 2024). No Brasil, o rodeio se consolidou como evento que articula tradição e espetáculo, sendo amplamente comercializado e promovido por empresas, patrocinadores e prefeituras locais (Serra et al., 2003).

Em municípios como Naviraí-MS, o rodeio ocupa um lugar central nas práticas comunitárias, funcionando como espaço de sociabilidade e afirmação identitária. Contudo, esse campo é marcado por assimetrias. A espetacularização do evento, como argumenta Bourdieu (1998), desloca o foco dos sujeitos produtores da prática — os peões — para os agentes que detêm o capital simbólico (locutores, organizadores, patrocinadores), contribuindo para a marginalização daqueles que encarnam a essência histórica da cultura do rodeio.

Conforme Lira e Claire (2019), "apesar da modernidade, o rodeio resiste através da tradição cultural e, em algumas cidades, na modernidade country, um novo rural, reforçando o

relativismo cultural [...] os competidores estão cada vez menos valorizados, mesmo sendo as estrelas das festas".

A valorização simbólica se concentra nas estruturas que compõem o espetáculo, enquanto os sujeitos da prática são desvalorizados no campo social e econômico.

A compreensão desse fenômeno pode ser enriquecida pelos conceitos de tradição inventada (Hobsbawm, 1997) e patrimonialização cultural (Canclini, 2011), que explicam como práticas culturais são ressignificadas e institucionalizadas de forma seletiva, em função de interesses políticos, econômicos e ideológicos. A cultura do rodeio, nesse sentido, é simultaneamente instrumento de pertencimento e objeto de disputa simbólica.

Além disso, debates contemporâneos sobre bem-estar animal (Fonseca, 2020; Singer, 2004) evidenciam os embates éticos e políticos que perpassam a permanência da prática. A crítica à violência contra os animais, à lógica antropocêntrica e à exploração no espetáculo do rodeio reforça a necessidade de compreender a cultura não como um dado fixo, mas como um campo de tensões, conflitos e negociações.

Assim, pensar a cultura do rodeio à luz da teoria de Pierre Bourdieu nos permite desvelar os mecanismos simbólicos que produzem e reproduzem desigualdades, legitimam distinções e organizam o campo das práticas culturais. O rodeio, longe de ser apenas expressão folclórica ou manifestação identitária, constitui-se como espaço de luta social em que estão em jogo capitais, legitimidades e modos de vida historicamente disputados.

3 CULTURA E MEMÓRIA NO CONTEXTO RURAL BRASILEIRO

O rodeio brasileiro, mais do que um esporte ou entretenimento, constitui-se em uma das manifestações culturais mais emblemáticas do país, especialmente nas regiões interioranas, onde o modo de vida rural permanece fortemente presente (7M BOOTS, 2024). Sua trajetória histórica revela um processo de adaptação, influências externas e regulamentação, consolidando-se como evento de grande magnitude e relevância cultural.

As origens do rodeio no Brasil remontam ao período colonial, quando fazendeiros e vaqueiros realizavam competições informais para demonstrar habilidades no manejo de gado e cavalos, práticas herdadas de tradições indígenas, africanas e europeias (UAI, 2025). Segundo Souza (2008), “dá-se o nome de rodeio à atividade de montaria em dorso de animal, em que o ‘peão’ se propõe ao desafio de permanecer o maior tempo possível montado, enquanto o animal pula e se contorce na arena” (Souza, 2008, p. 2). O primeiro rodeio brasileiro oficialmente reconhecido ocorreu em Barretos, São Paulo, na década de 1950, evento que rapidamente

transformou a cidade na “capital nacional do rodeio” (7M Boots, 2024).

A consolidação do rodeio como evento cultural se deu ao longo do século XX, quando as festividades passaram a incorporar elementos como música sertaneja, danças típicas e gastronomia regional, tornando-se espaços de celebração da identidade rural (DAL PIERO, 2024). O livro “Peões e Tradições: A Saga do Rodeio no Brasil”, de Fernando Antonio Dal Piero, destaca que o rodeio se enraizou na cultura brasileira e evoluiu para se tornar parte vital da identidade nacional, celebrando heróis do campo e promovendo a preservação de tradições centenárias (Dal Piero, 2024).

No Brasil, predominam as modalidades de montaria em touros e cavalos, com destaque para o estilo cutiano, tipicamente brasileiro, além dos estilos saddle bronc e bareback, de influência norte-americana (Souza, 2008). A profissionalização do rodeio ocorreu a partir da década de 1930, com a formação das primeiras associações e regulamentação das competições, visando maior segurança para participantes e animais (UAI, 2025).

A prática permaneceu amadora até 2001, quando foi sancionada a Lei Federal nº 10.220, que equiparou o peão de rodeio ao atleta profissional (BRASIL, 2001). Em 2002, a Lei Federal nº 10.519 estabeleceu normas para a fiscalização sanitária, infraestrutura das arenas, transporte e manejo dos animais, exigindo a presença de médicos veterinários e regulamentando o uso de apetrechos técnicos como o sedém (BRASIL, 2002). Estudos conduzidos por Vasconcelos et al. (2000) no Projeto Sedem, da UNESP, concluíram que o sedém, utilizado nas montarias, não causa dor ou lesões aos animais, sendo confeccionado em material apropriado e fiscalizado por órgãos competentes (Vasconcelos et al., 2000).

Importante destacar que o rodeio é reconhecido como patrimônio cultural imaterial brasileiro, por representar o modo de “criar, fazer e viver” da população sertaneja, conforme o artigo 216, inciso II, da Constituição Federal (BRASIL, 1988). As festas de peão, como as de Barretos, Jaguariúna e Indaiatuba, atraem milhões de visitantes e são palco de manifestações culturais diversas, desde a moda country até a música sertaneja, consolidando-se como espaços de sociabilidade e celebração da vida rural (DAL PIERO, 2024).

Entretanto, o rodeio também é alvo de controvérsias, especialmente quanto ao bem-estar animal. A regulamentação e a fiscalização rigorosa buscam garantir a integridade física dos animais, mas o debate entre tradição e ética permanece presente na sociedade brasileira (UAI, 2025).

Como uma síntese de esporte, tradição e cultura, o rodeio evoluiu das práticas rurais informais para se tornar um dos eventos mais populares e representativos do país. Sua trajetória é marcada pela adaptação, regulamentação e valorização do patrimônio cultural, mantendo vivas as raízes sertanejas e promovendo um diálogo constante entre tradição e modernidade. Nesse sentido, compreender a cultura no meio rural brasileiro exige atenção às complexas relações sociais, simbólicas e históricas que compõem os modos de vida no campo. A cultura rural não deve ser tratada como conjunto de tradições cristalizadas, mas como território dinâmico de disputas e reelaborações (Cândido, 2000). O rodeio, nesse contexto, articula elementos de resistência, identidade e espetáculo, representando transformações profundas nas sociabilidades do campo.

A memória, como destaca Halbwachs (2006), é uma construção social, compartilhada e atualizada em coletividades. No mundo rural, ela não se limita a lembranças individuais, mas sustenta práticas, valores e pertencimentos que resistem aos apagamentos promovidos pela urbanização acelerada. Para Pollak (1989), a memória também é estratégica: ela legitima práticas, afirma identidades e dá sentido às experiências do presente. As trajetórias de peões de rodeio são exemplares desses processos. Suas narrativas revelam os impactos das transformações no mundo do trabalho rural, da economia e da cultura. Autores como Arroyo (2012) e Abramovay (1998) apontam que o rural brasileiro, longe de estar em desaparecimento, passou a integrar novas lógicas de mercado e de espetáculo, assumindo formas híbridas de sociabilidade.

A cultura rural, portanto, não se extingue na modernidade, mas se reconfigura, como propõe Canclini (2011) ao tratar das culturas híbridas. O rodeio evidencia essa hibridez: funde práticas associadas ao trabalho com o gado a elementos de entretenimento, performance e consumo. Nesse processo, a memória age como elo entre passado e presente, promovendo sentidos de pertencimento e continuidade. A abordagem narrativa é especialmente potente para captar esses sentidos. Benjamin destaca que (1994, p. 201), “o narrador retém a autoridade que decorre da experiência”. As narrativas são formas privilegiadas de transmissão de saberes e afetos, constituindo patrimônio imaterial das comunidades rurais. Vaz (2019), ressalta que essa modalidade de pesquisa "constitui-se num importante aporte teórico-metodológico que oferece contribuições pertinentes por possibilitar ao pesquisador construir e desenvolver sua pesquisa a partir de um caminho epistemológico que se alinha adequadamente como método de estudos qualitativos" (Vaz, 2019, p. 55). A autora enfatiza que a pesquisa narrativa biográfica não

apenas valoriza a singularidade das histórias de vida, mas também as articula com estruturas sociais mais amplas, permitindo uma compreensão dialética entre o individual e o coletivo.

Dessa forma, ao articular cultura e memória, esta pesquisa busca compreender como os sujeitos do universo do rodeio constroem sentidos sobre suas práticas e identidades em meio às transformações contemporâneas. A escuta das memórias de um peão, neste caso, revela-se fundamental para acessar os modos como o rodeio é vivido, disputado e ressignificado por aqueles que o experienciam diretamente. A pesquisa narrativa (auto)biográfica nos permite, ainda, descortinar as subjetividades que atravessam essas experiências, trazendo à tona dilemas, resistências e pertencimentos. Assim, a seguir, apresentamos os excertos da entrevista com um peão, cujas memórias iluminam o rodeio como território de identidade, trabalho e memória – e não apenas como espetáculo.

4. NARRATIVAS DE UM PEÃO DE RODEIO: ENTRE HABITUS, CAMPO E IDENTIDADE

Este capítulo apresenta a análise narrativa da trajetória de Zé do Prado[1], ex-peão de rodeio da cidade de Naviraí-MS. A entrevista realizada seguiu uma abordagem narrativa (auto)biográfica, com o objetivo de captar as experiências, sentidos e significações construídos ao longo de sua vida. Vaz (2019) ressalta a dupla função da pesquisa narrativa: como método (guiando a investigação com base em teorias como o Interacionismo Simbólico) e como técnica (priorizando a escuta aberta e a não interrupção durante entrevistas). Essa flexibilidade possibilita "uma abertura dialógica a partir da experiência de vida do outro" (Vaz, 2019, p. 17), rompendo com modelos positivistas e fragmentados. Em síntese, a pesquisa narrativa biográfica, conforme defendido neste estudo, é indispensável para pesquisas que buscam compreender a relação entre subjetividade, memória e transformações sociais, sempre com rigor ético e científico.

Segundo Bauer e Gaskell (2002), a pesquisa narrativa é uma abordagem qualitativa que analisa histórias e discursos como expressões de experiências humanas e construções sociais. Os autores destacam que essa metodologia não se limita ao conteúdo explícito, mas examina a estrutura, os temas e o contexto cultural das narrativas, entendendo-as como ferramentas que

[1] "Zé do Prado" é um nome fictício adotado pelo participante da entrevista, conforme sua própria escolha, como forma de homenagem ao locutor **Zé do Prato** (José Antônio de Souza, 1948–1992), figura emblemática da cultura dos rodeios no Brasil. Reconhecido por sua voz inconfundível e pelas inovações na forma de narrar os eventos, Zé do Prato revolucionou a locução de rodeios ao incorporar sonoplastia, bordões marcantes e um estilo performático que tornou sua presença nas arenas inesquecível. Para mais informações sobre sua trajetória, ver: https://www.comprerural.com/conheca-a-historia-de-ze-do-prato-o-locutor-que-revolucionou-os-rodeios/

moldam identidades e significados.

Diferentemente de análises puramente temáticas, a pesquisa narrativa enfatiza a forma como as histórias são construídas e seus impactos simbólicos, sendo aplicável a entrevistas, documentos e representações midiáticas. Essa perspectiva alinha-se com métodos interpretativos, como a hermenêutica e a análise de discurso, valorizando a subjetividade e a dimensão sociocultural das narrativas. Neste contexto, a narrativa não se limita a descrever trajetórias, mas busca interpretá-las como produções simbólicas, marcadas por disputas, transformações e reinvenções (Riessman, 2008).

A entrevista foi transcrita em sua integralidade e analisada à luz do referencial teórico de Pierre Bourdieu, especialmente os conceitos de habitus, campo, capital e violência simbólica, os quais permitem compreender a articulação entre estruturas sociais, disposições subjetivas e práticas culturais.

2. Cultura como campo de disputa: fundamentos sociológicos e a cultura do rodeio

A cultura, enquanto objeto das Ciências Sociais, é um conceito multifacetado e dinâmico que abrange sistemas de significados, crenças, valores e práticas historicamente construídas e socialmente compartilhadas. Na clássica definição de Edward B. Tylor, "cultura [...] é esse todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade" (Tylor apud Thompson, 1997, p. 172). Essa concepção, embora datada, influenciou os estudos antropológicos e sociológicos ao longo do século XX.

A partir da antropologia contemporânea, a cultura passou a ser compreendida como uma estrutura suprabiológica que medeia a relação dos sujeitos com o mundo físico, simbólico e social (Sampaio Silva, 2023). Cuche (2002) e Hall (1997) reforçam que toda ação social é cultural, na medida em que está imersa em disputas de sentidos, em regras de pertencimento e exclusão, e em contextos de transformação.

Nesse contexto, a teoria de Pierre Bourdieu contribui significativamente ao propor uma leitura relacional da cultura como campo de lutas simbólicas. Para o autor, a cultura deve ser compreendida como um campo social relativamente autônomo, estruturado por relações de força entre os agentes que nele disputam capitais diversos. O campo cultural, como observa Bourdieu (1996), é "um espaço de jogo com regras específicas e interesses próprios, onde se disputam os capitais que têm valor naquele universo" (p. 18).

O conceito de *habitus*, nesse campo, é fundamental: trata-se de um sistema de disposições incorporadas que orienta os modos de perceber, sentir e agir dos sujeitos. Essas

disposições são produtos da socialização e refletem a posição que o agente ocupa no espaço social. O habitus, portanto, é tanto estruturado quanto estruturante, permitindo compreender como práticas culturais aparentemente individuais estão, na verdade, condicionadas por trajetórias sociais (Bourdieu, 2003).

Bourdieu identifica quatro formas de capital que circulam nos campos: econômico, cultural, social e simbólico. O capital simbólico, em especial, diz respeito ao prestígio e à legitimidade reconhecidos pelos demais agentes, sendo capaz de mascarar relações de dominação sob a aparência de neutralidade. Como afirma o autor, "o capital simbólico é o capital disfarçado, transfigurado e legitimado" (Bourdieu, 2003, p. 181).

Nesse sentido, a *violência simbólica* é o mecanismo que garante a reprodução das hierarquias no interior do campo. Trata-se de uma forma de dominação que atua de maneira invisível, levando os dominados a aceitarem como legítima sua posição social (BOURDIEU, 1998). Instituições como a escola, a mídia, a religião e o Estado operam essa forma de violência por meio da imposição de classificações, normas e valores dominantes.

A cultura do rodeio, quando analisada sob essa ótica, revela-se como um campo atravessado por disputas simbólicas e estruturado por lógicas de capital. Originada nas práticas de manejo do gado, essa manifestação cultural foi historicamente ressignificada, especialmente a partir da década de 1950, sob influência do modelo estadunidense de competição entre cowboys (TERTULIANO, 2024). No Brasil, o rodeio se consolidou como evento que articula tradição e espetáculo, sendo amplamente comercializado e promovido por empresas, patrocinadores e prefeituras locais (Serra et al., 2003).

Em municípios como Naviraí-MS, o rodeio ocupa um lugar central nas práticas comunitárias, funcionando como espaço de sociabilidade e afirmação identitária. Contudo, esse campo é marcado por assimetrias. A espetacularização do evento, como argumenta Bourdieu (1998), desloca o foco dos sujeitos produtores da prática — os peões — para os agentes que detêm o capital simbólico (locutores, organizadores, patrocinadores), contribuindo para a marginalização daqueles que encarnam a essência histórica da cultura do rodeio.

Conforme Lira e Claire (2019), "apesar da modernidade, o rodeio resiste através da tradição cultural e, em algumas cidades, na modernidade country, um novo rural, reforçando o relativismo cultural [...] os competidores estão cada vez menos valorizados, mesmo sendo as estrelas das festas". A valorização simbólica se concentra nas estruturas que compõem o espetáculo, enquanto os sujeitos da prática são desvalorizados no campo social e econômico.

A compreensão desse fenômeno pode ser enriquecida pelos conceitos de *tradição*

inventada (Hobsbawm, 1997) e *patrimonialização cultural* (Canclini, 2011), que explicam como práticas culturais são ressignificadas e institucionalizadas de forma seletiva, em função de interesses políticos, econômicos e ideológicos. A cultura do rodeio, nesse sentido, é simultaneamente instrumento de pertencimento e objeto de disputa simbólica.

Além disso, debates contemporâneos sobre bem-estar animal (Fonseca, 2020; SINGER, 2004) evidenciam os embates éticos e políticos que perpassam a permanência da prática. A crítica à violência contra os animais, à lógica antropocêntrica e à exploração no espetáculo do rodeio reforça a necessidade de compreender a cultura não como um dado fixo, mas como um campo de tensões, conflitos e negociações.

Assim, pensar a cultura do rodeio à luz da teoria de Pierre Bourdieu permite desvelar os mecanismos simbólicos que produzem e reproduzem desigualdades, legitimam distinções e organizam o campo das práticas culturais. O rodeio, longe de ser apenas expressão folclórica ou manifestação identitária, constitui-se como espaço de luta social em que estão em jogo capitais, legitimidades e modos de vida historicamente disputados.

O quadro 1 “Conceitos fundamentais de Pierre Bourdieu” apresenta a sistematização dos conceitos fundamentais de Bourdieu e sua aplicação à análise da pesquisa narrativa no contexto da cultura do rodeio.

Quadro 1 – Conceitos fundamentais de Pierre Bourdieu

Conceito	Definição	Aplicação à cultura do rodeio
Habitus	Sistema de disposições socialmente incorporadas, que orientam ações e percepções de modo não consciente.	Disposições forjadas no universo rural orientam a prática e a identidade dos peões.
Campo	Espaço social estruturado por relações de poder, dotado de regras próprias e disputas por capital.	O rodeio constitui um campo onde se disputam posições, reconhecimento e legitimidade simbólica.
Capital	Recursos em diversas formas: econômico, cultural, social e simbólico, que garantem posição e poder no campo.	O capital simbólico dos peões é ofuscado pela concentração de prestígio em organizadores e mídia.
Violência simbólica	Dominação sutil que leva os dominados a aceitarem sua posição como legítima, mascarando desigualdades.	A invisibilização das condições precárias dos peões ocorre sob a lógica do espetáculo e tradição.

Fonte: Adaptado de Bourdieu (1998, 2003).

Dessa forma, articulamos os conceitos de Bourdieu a metodologia deste trabalho, indicando sua aplicação na análise da trajetória de um peão de rodeio. Ao integrar teoria e experiência, buscamos mostrar como os relatos subjetivos refletem tanto as estruturas sociais que os moldam quanto as formas simbólicas de resistência e reconhecimento no campo do rodeio.

4.1 A formação do habitus rural e a socialização no mundo do rodeio

A trajetória de Zé do Prado revela uma profunda imersão na cultura rural desde a infância. As primeiras experiências com o rodeio ocorreram ainda na fazenda, aos sete anos, quando começou a imitar montarias utilizando uma égua como substituta simbólica dos touros e cavalos de competição, porém Zé montava em touros. Esse processo de aprendizado incorporado remete ao conceito de *habitus*, entendido por Bourdieu (2003) como: "sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes que geram e organizam práticas e representações".

Zé afirma que: "Morava em uma Fazenda [...] com 7 anos de idade vi o rodeio pela primeira vez [...] começava a montar nos cavalos da fazenda, imaginando estar dentro do rodeio [...] foi indo que amadureci isso na cabeça, aquela paixão no meu coração".

A narrativa mostra como o desejo de se tornar peão não foi apenas um projeto individual, mas uma consequência natural de sua socialização. As estruturas sociais do mundo rural, aliadas às práticas cotidianas, conformaram disposições que o habilitaram a ingressar no campo do rodeio com legitimidade simbólica e competência prática.

4.3 O campo do rodeio e as disputas simbólicas

O universo do rodeio é apresentado por Zé como um **campo social** em constante transformação, onde as regras, os agentes e os capitais circulantes mudaram radicalmente ao longo das décadas. No início de sua trajetória, o peão era responsável por tarefas que iam muito além da montaria, como montar arquibancadas, alimentar animais e desmontar estruturas.

"Chegando lá, nós montava as arquibancadas que era de madeira, ia fazer o alambrado [...] ficava pastoreando a tropa [...] não é igual hoje que já é tudo contratado".

A fala evidencia a reconfiguração do campo, em que as funções se tornaram cada vez mais especializadas e o capital econômico passou a determinar o lugar ocupado pelos agentes. O campo do rodeio, nesse sentido, funciona segundo a lógica de Bourdieu (2004): um espaço estruturado de posições em disputa, no qual cada agente ocupa uma posição em função do

capital que detém.

O relato de Zé também revela as mudanças nas estruturas de poder:

"Hoje os peões têm apoio dos pais, carro, hotel. Na nossa época ia sem nada [...] nem pão seco levava na bolsa. A manga era o nosso almoço".

A crescente institucionalização do campo e a espetacularização do rodeio intensificaram a hierarquização entre os sujeitos, deslocando o protagonismo dos peões para organizadores, empresários, locutores e patrocinadores.

4.4 Capital simbólico, reconhecimento e distinção

Apesar da precariedade material, Zé enfatiza o prestígio simbólico que o peão autêntico (o "raiz") detinha em sua época. O reconhecimento advinha da performance e da coragem, atributos incorporados desde cedo e valorizados socialmente.

"Na minha época [...] hoje eles têm caminhonete, carro de moda, roupas da moda [...] a gente ia em cima de caminhão gaiola, com os bois e cavalos, tudo junto".

Contudo, esse capital simbólico não se converte necessariamente em capital econômico. A crítica ao valor das premiações contemporâneas revela um descompasso entre o reconhecimento público e a valorização material:

"O campeão de Barretos em 1993 ganhou 12 mil dólares e comprou uma fazenda de 200 alqueires. Hoje ganha R$ 180 mil e não compra quase nada [...] antes uma moto Titan comprava três alqueires; hoje não compra nem uma data".

O conceito de capital simbólico (Bourdieu, 1998) ajuda a explicar como a reputação e o prestígio adquiridos por meio das práticas culturais nem sempre se convertem em poder ou mobilidade social, sobretudo quando os mecanismos de distribuição são controlados por instâncias externas ao grupo.

4.5 Violência simbólica e invisibilidade social

A narrativa também revela formas de violência simbólica, naturalizadas ao longo da trajetória de Zé. O uso de equipamentos precários, a ausência de garantias mínimas e o tratamento dispensado aos animais são exemplos de práticas que, à época, não eram questionadas – nem por peões, nem por organizadores.

"A gente montava com coragem e a camisa do corpo [...] muitas vezes ia sem comida [...] hoje tem seguro, colete, veterinário [...] mas a premiação continua a mesma".

Como observa Bourdieu (1998), a violência simbólica se efetiva na medida em que os dominados reconhecem a dominação como legítima. A aceitação das condições adversas, muitas vezes romantizadas como parte da "vida do peão", reforça a reprodução das desigualdades no campo do rodeio.

4.6 Identidade, memória e pertencimento

Ao rememorar sua trajetória, Zé constrói uma identidade marcada por resiliência, religiosidade e ética de trabalho. Sua narrativa associa o rodeio à superação de dificuldades, à construção de dignidade e à constituição de laços afetivos e comunitários.

"O rodeio foi o que nos deu sofá, bife, comida digna [...] minha mãe apoiava, não gostava, mas não desaprovava".

A memória aparece como instrumento de elaboração simbólica e reinterpretação do vivido. Nas palavras de Halbwachs (2006), a memória individual está sempre ancorada em quadros sociais. No caso de Zé, suas lembranças funcionam como matriz de pertencimento e como forma de reexistência. Hoje, afastado das arenas, ele se dedica à doma racional e à equoterapia:

"Hoje vivo minha outra paixão que é a doma de cavalos [...] trabalho com meninas dos três tambores e com pessoas atípicas [...] fui ganhando reconhecimento".

Essa reconversão de capitais – do simbólico ao cultural e social – reafirma a capacidade de agência e a complexidade do sujeito narrador. Seu *habitus* se reconfigura à luz das novas condições e desafios, revelando a plasticidade da trajetória de vida.

A trajetória de Zé do Prado, analisada à luz da teoria de Bourdieu, evidencia como o campo do rodeio é marcado por tensões entre tradição e modernidade, reconhecimento e exclusão, pertencimento e marginalização. Sua narrativa expressa a constituição de um *habitus* rural que resiste às lógicas da mercantilização, mas também se adapta a elas, reinventando formas de ser e estar no mundo.

A escuta sensível e ética da experiência de Zé permite iluminar dimensões frequentemente invisibilizadas pelas análises que se limitam ao espetáculo. Ao narrar sua trajetória, ele denuncia desigualdades, questiona os rumos do campo e reconstrói simbolicamente sua identidade. Trata-se, portanto, de um testemunho valioso, que reafirma a importância da pesquisa narrativa como instrumento de produção de conhecimento situado, crítico e humanizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar, a partir da metodologia narrativa (auto)biográfica, as tensões entre tradição e modernidade no universo do rodeio brasileiro, com foco na experiência de vida de um peão da cidade de Naviraí-MS. Para isso, recorremos à escuta e análise da narrativa de "Zé do Prado" (nome fictício), cuja trajetória expressa não apenas uma prática cultural enraizada nas ruralidades brasileiras, mas também os múltiplos atravessamentos simbólicos, econômicos e políticos que configuram o campo do rodeio contemporâneo.

A análise sociológica fundamentada nos conceitos de Pierre Bourdieu permitiu compreender o rodeio como um campo social estruturado por disputas em torno do reconhecimento, do prestígio e da legitimidade simbólica. A partir da narrativa de Zé, foi possível evidenciar que, embora os peões ocupem posição central na produção do espetáculo, sua visibilidade nem sempre se traduz em valorização social ou material. Ao contrário, as transformações do campo revelam o deslocamento progressivo do capital simbólico em direção aos organizadores, empresários e patrocinadores, em um processo que intensifica a espetacularização e enfraquece o protagonismo dos sujeitos que constroem essa cultura desde dentro.

A escuta narrativa também permitiu captar os efeitos da violência simbólica, naturalizada nas práticas cotidianas do rodeio, seja na precarização das condições de trabalho, na negligência histórica em relação ao bem-estar animal ou na desvalorização dos prêmios concedidos aos competidores. Esses elementos, muitas vezes romantizados sob a lógica do "peão raiz", escondem mecanismos estruturais de dominação que operam no interior do próprio campo.

Por outro lado, a narrativa de Zé também revela formas de resistência simbólica e reinvenção. Sua transição para o trabalho com doma racional e equoterapia, bem como sua atuação ética e comprometida com o bem-estar animal, ilustram a capacidade de reconversão de capitais e a plasticidade do habitus. Zé não apenas resistiu às adversidades, mas transformou sua trajetória em testemunho vivo da complexidade e da riqueza da cultura rural.

Ao trazer para o centro da análise a voz de um sujeito historicamente silenciado, esta pesquisa reafirma o potencial das metodologias narrativas para a compreensão crítica das práticas culturais, das desigualdades sociais e dos processos identitários. O rodeio, longe de ser apenas espetáculo, configura-se como território simbólico em disputa, onde valores, memórias, afetos e tensões se entrelaçam, revelando as contradições do mundo social.

Por fim, este estudo contribui para o debate sobre as ruralidades contemporâneas, demonstrando que a cultura do rodeio, apesar de marcada por transformações profundas, continua a ser vivida, disputada e ressignificada por aqueles que a constroem cotidianamente. Ao reconhecer essas vozes, ampliamos não apenas o repertório acadêmico, mas também o compromisso ético e político com uma ciência social comprometida com a escuta, a justiça e a pluralidade dos saberes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capital social rural**. *Estudos Sociedade e*
ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ALEM, João Marcos. **Ruralidade e Cultura no Brasil**. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Revista USP*, n. 59, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 10.220, de 11 de abril de 2001. Dispõe sobre a atividade de peão de rodeio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 abr. 2001.

BRASIL. Lei nº 10.519, de 17 de julho de 2002. Dispõe sobre normas de fiscalização da defesa sanitária animal na realização de rodeios. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 jul. 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COMPRE RURAL. ***Conheça a história de Zé do Prato, o locutor que revolucionou os rodeios*.** 2023. Disponível em: https://www.comprerural.com/conheca-a-historia-de-ze-do-prato-o-locutor-que-revolucionou-os-rodeios/. Acesso em: 3 jul. 2025.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DAL PIERO, Fernando Antonio. Peões e Tradições: A Saga do Rodeio no Brasil. São Paulo: Clube de Autores, 2024.

FERRAROTTI, Franco. **Autobiografia como problema sociológico**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

FONSECA, Thaís. Direitos animais e os rodeios: uma análise das disputas jurídicas e simbólicas no Brasil contemporâneo. *Revista Direito e Práxis*, v. 11, n. 2, p. 823-845, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/47852. Acesso em: 2 jun. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEOGRAFIA OPINATIVA. **O Cone-Sul do Brasil**. Disponível em: https://geografiaopinativa.com.br/o-cone-sul-do-brasil/. Acesso em: 2 jun. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE. **História de Naviraí (MS).** *Disponível em:*

https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/navirai/historico. Acesso em: 7 jul. 2025.

LIRA, M.; CLAIRE, D. Rodeio: cultura, economia e espetáculo nas festas do interior. *Revista Brasileira de Estudos Rurais*, v. 5, n. 2, p. 211–230, 2019.

MARTINS, Deividi Lira; BOVO, Marcos Clair. **Rodeio: do local para o global e a montaria em touro como espetáculo**. *Geographia Opportuno Tempore*. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Disponível em: https://www.unespar.edu.br/geographia/rodeo-local-global. Acesso em: 2 jun. 2025.

MISHLER, Elliot G. **Storylines: Craftartists' Narratives of Identity**. Cambridge: Harvard

OLIVEIRA, Lucia Lippi. ***Do Caipira Picando Fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio.*** Revista USP, n. 59, p. 232–257, 2003.

University Press, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. Thousand Oaks: Sage, 2008.

ROSA, Vanessa de Castro; MODERNELL, Bárbara Daniella Lago; ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Rodeios: patrimônio cultural ou tradição inventada?** *Revista Mackenzie de Educação, Arte e História da Cultura*. Disponível em: https://www.mackenzie.br/rodeios-patrimonio-cultural. Acesso em: 2 jun. 2025.

SAMPAIO SILVA, Marco Antônio. **Antropologia e cultura: fundamentos e debates contemporâneos**. São Paulo: Contexto, 2023.

SARAIVA, Leila da Silva et al. **Rodeio: prática esportiva ou maus-tratos aos animais?** São Paulo: LTr, 2004.

SERRA, Rhodes Albernaz de Almeida; TUBINO, Manoel José Gomes; NOVAES, Jefferson da Silva. **O rodeio como uma manifestação esportiva de identidade cultural do interior de São Paulo**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Disponível em: https://revistasusp.sibi.usp.br/rodeo-identidade-cultural. Acesso em: 2 jun. 2025.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, J. R. de. História e caracterização do rodeio. Interfaces Científicas - Direito, Aracaju, v. 2, n. 2, p. 93-104, fev. 2014.

TEXAS CENTER. **Como surgiu o rodeio no Brasil: história e tradição cultural**. Disponível em: https://texascenter.com.br/como-surgiu-o-rodeio-no-brasil/. Acesso em: 2 jun. 2025.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

UAI. **A história dos rodeios no Brasil**: tradição e cultura. Belo Horizonte: UAI, 9 mar. 2025. Disponível em: https://www.uai.com.br/app/entretenimento/musica/sertaneja/2025/03/09/not-sertaneja,356945/a-historia-dos-rodeios-no-brasil-tradicao-e-cultura.shtml. Acesso em: 04 jun. 2025.

VASCONCELOS, O. T. et al. **Projeto Sedem**: avaliação do bem-estar animal em rodeios. Jaboticabal: UNESP, 2000.

VAZ, Telma Romilda Duarte. **Desdobramentos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa biográfica e sua análise em Fritz Schütze**. In: SOUZA, E. C. et al. (Org.). *Narrativas (auto)biográficas em diálogos: políticas, formação e práticas*. Curitiba: CRV, 2019. p. 55-72.

7M BOOTS. **Como surgiu o rodeio no Brasil**: história e tradição cultural. Disponível em: https://www.7mboots.com.br/como-surgiu-o-rodeio-no-brasil-historia-e-tradicao-cultural/. Acesso em: 04 jun. 2025.